

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO INERENTES A “TURMA DA MÔNICA” – RELAÇÕES ENTRE O PASSADO E A CONTEMPORANEIDADE

THE PRODUCTION CONDITIONS INHERENT TO “MONICA AND FRIENDS” – RELATIONSHIPS BETWEEN THE PAST AND THE CONTEMPORARY

Clóris Maria Freire Dorow (IFSul)¹
Janaína Quintana de Oliveira (IFSul)²

Resumo: As Histórias em quadrinhos são reconhecidas na contemporaneidade não só como um meio de fruição, mas também como um aparato pedagógico. O clássico brasileiro Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, vem ao encontro desta proposta, já que aborda temas progressistas relacionados ao meio ambiente, à inclusão e à diversidade. No entanto, nem sempre foi assim, pois nas últimas décadas do século XX, o conteúdo apresentado nas historinhas baseava-se no humor jocoso e descompromissado, mas de acordo com sua época. Este estudo se propõe, então, a entender o modo como as condições de produção estavam e estão imbricadas nessas narrativas e em suas relações de sentido, como uma ferramenta ideológica a serviço de seu tempo. No que se refere à teoria, este artigo tem como aporte a Análise do Discurso Pecheutiana, trazendo os conceitos de sujeito, sentido e ideologia como base das observações apresentadas.

Palavras-chave: condições de produção; Histórias em quadrinhos; Análise de Discurso.

Abstract: Comics are recognized in contemporary times not only as a means of enjoyment, but also as a pedagogical device. The Brazilian classic Monica and friends, by Maurício de Sousa, is in line with this proposal, as it addresses progressive themes related to the environment, inclusion and diversity. However, this was not always the case, because in the last decades of the 20th century, the content presented in the stories was based on jocular and uncompromising humor, but in keeping with its time. This study proposes, then, to understand how the conditions of production were and are intertwined in these narratives and in their relationships of meaning, as an ideological tool at the service of their time. With regard to theory, this article is based on the Pecheutian Discourse Analysis bringing the concepts of subject, meaning and ideology as the basis of the observations presented.

¹ Possui doutorado em Letras na área de Análise de Discurso pela UCPEL; mestrado em Letras na área de Análise de Discurso pela UCPEL; Especialização em Literatura Brasileira pela FURG; graduação em Letras e Literatura Brasileira na UCPEL. Usou como materialidade discursiva, em sua dissertação e em sua tese, o discurso jurídico entremeando a Análise de Discurso com a Prosódia. Atualmente trabalha com o discurso pedagógico, com o discurso sobre corpo e voz, com o discurso sobre histórias infantis, assim como as questões de gênero. É professora do Mestrado e do Doutorado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSUL- Campus Pelotas. Participa do grupo de Pesquisa e Estudos do LEAD, UFPEL. É coordenadora do grupo de Pesquisa sobre Discurso e Ensino. Foi coordenadora do Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso do IFSUL de 2015 a 2019. Foi coordenadora da Pós-graduação Stricto Sensu em Linguagens Verbo/Visuais e Tecnologias, de janeiro de 2014 a janeiro de 2020. E-mail: clorisdorow@hotmail.com.

² Doutoranda no Doutorado Profissional em Educação e Tecnologia – DPET do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSUL; docente da rede pública municipal da cidade de Pelotas – RS. E-mail: profejanastar@gmail.com.

Keywords: production conditions; Comics; Discourse analysis.

Introdução

A Análise do Discurso é uma ciência que surgiu na França nos anos 60, centrando-se na tríade Linguística, Psicologia e História. Nos primórdios, o interesse da disciplina estava focado nos discursos de figuras públicas do cenário político. Com a mudança do paradigma político social das últimas décadas do século XX, a AD passou a ocupar-se também de outras materialidades discursivas. Assim, abre-se espaço para estas variadas materialidades, como no caso deste estudo, as Histórias em Quadrinhos (doravante HQs) e as condições de produção nas quais foram publicadas. De acordo com Maldidier:

Esta reviravolta teórico-metodológica (que reflete na mudança do objeto preferencial de análise) foi sugerida pela leitura de Michel de Certeau e de Mikhail Bakhtin [...]. Pêcheux propõe que, a partir de então, a Análise do Discurso abandone sua obsessão pelos textos escritos por grandes atores sociais e passe a incorporar produções ordinárias, de sujeitos no cotidiano. Ao mesmo tempo, essa ampliação do objeto se estende também à materialidade discursiva e abre-se a possibilidade de que sejam incorporadas textualidades não verbais. (MALDIDIÉ, 1990, apud GREGOLIN, 2011, p.87-88).

Os sujeitos discursivos não são entidades “livres” e “donos” de seus discursos. Os processos discursivos não têm origem no sujeito, ainda que esses processos se realizem nele mesmo, ou seja, trata-se de uma teoria não subjetiva de constituição dos sujeitos (PÊCHEUX e FUCHS, [1983] 2014). Os discursos existem tecidos por uma teia de sentidos filiados à ideologia, e esta interpela os sujeitos por meio do processo de assujeitamento, fazendo com que eles se inscrevam em uma formação discursiva (FD) que delimita o seu dizer. De acordo com Pêcheux e Fuchs,

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar *interpelação*, ou o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e ter a impressão de estar exercendo a sua livre vontade, a ocupar o *seu lugar* em uma ou outra das duas classes sociais antagônicas do modo de produção [...]. (PÊCHEUX e FUCHS, [1983], 2014, p.162, grifos do autor).

Já as condições de produção são fundamentais para que se perceba e se compreenda certos comportamentos e filiações ideológicas em determinadas épocas, pois o efeito de sentido se produz na relação entre o que é interno ao sujeito e o que é externo, ou seja, o seu contexto. Elas podem ser identificadas de forma estrita, quando se referem ao contexto imediato da enunciação, ou em sentido amplo, quando relacionadas ao contexto socio-histórico-ideológico do que é enunciado (ORLANDI, 2012).

1 Sobre as HQs e a cultura de massa

As mídias de massa estão intrínsecas à vida dos sujeitos da contemporaneidade, fazendo parte de sua formação ideológica. Sendo assim, ideologias presentes na luta de classes, que é a condição fundamental das transformações sociais e históricas (MARX e ENGELS, [1872] 2015), podem assujeitar, muitas vezes, por meio de discursos comuns do cotidiano midiático, como uma novela, uma série, uma rede social ou uma HQ, ditando o que é banal e/ou comum a determinada

época. Na relação entre sujeito, língua e história, o homem produz a arte e a arte transforma o homem. Ousar-se-ia dizer que a cultura de massa poderia funcionar como um dos aparelhos ideológicos do Estado (ALTHUSSER, [1983] 2022), pois estes “[...] se caracterizam pelo fato de colocarem em jogo práticas associadas a lugares ou relações de lugares que remetem às relações de classes sem, no entanto, decalcá-las exatamente.” (PÊCHEUX e FUCHS, [1983] 2014, p. 163).

A HQ, ou nona arte, é uma mídia de massa, ou meio de comunicação, tradicional, que figura há várias décadas na sociedade. Aqui no Brasil, a era de ouro dos quadrinhos começou nos anos 50, consolidando-se nos anos 60, após a visita de Umberto Eco à USP³, indo até meados dos anos 90. No entanto, mesmo não tendo o mesmo apelo que outrora (novas mídias surgiram), os quadrinhos ainda são bastante apreciados como fruição e também sendo utilizados como proposta pedagógica em diferentes áreas do conhecimento.

O formato clássico, ou formatinho, constitui-se de medidas 19 X 13,5 cm, composto por quadros, retângulos e/ou outros modelos menos tradicionais. Normalmente há um narrador (legendas), mas os diálogos são reproduzidos por meio de balões de fala (continente e rabicho/apêndice). Cada modelo de balão constitui uma forma de expressar o discurso. De acordo com (RAMOS, 2021, p.36) “o continente pode adquirir diversos formatos, cada um com uma carga semântica e expressiva diferente”. Outros recursos, como metáforas visuais, enquadramentos, onomatopeias e figuras cinéticas dão movimento aos personagens, resultando em uma sintaxe própria do gênero. Segundo Eco:

A relação entre sucessivos enquadramentos mostra a existência de uma sintaxe específica, melhor ainda, de uma série de *leis de montagem*. Dissemos “leis de montagem”, mas o apelo ao cinema não nos pode fazer esquecer de que a estória (sic) em quadrinhos “monta” de modo original, quando mais não seja porque a montagem da estória (sic) em quadrinhos não tende a resolver uma série de enquadramentos imóveis num fluxo contínuo, como no filme, mas realiza uma espécie de continuidade ideal através de uma fatural descontinuidade. (ECO, 2001, p. 147, grifos do autor).

Outro ponto a favor das HQs é o fato de que as personagens, na maioria das vezes, pertencem ao imaginário afetivo dos leitores, fazendo parte de suas histórias de vida. Assim, “gibis, nome popular pelo qual as HQs são conhecidas, encantaram e encantam várias gerações. O laço afetivo que as HQs produzem com o leitor foi um dos fatos que impulsionou sua popularização e abriu caminhos para que chegassem às escolas” (OLIVEIRA, 2018, p. 80). Deste modo, HQs fizeram e fazem parte de diversas gerações de brasileiros, tendo na Turma da Mônica seu expoente principal, atravessando épocas e consolidando-se como parte do patrimônio cultural nacional.

2 A Turma da Mônica

A Turma da Mônica (doravante TM) surgiu entre 1959 e 1960 pelas mãos do cartunista Maurício de Sousa. Nessa época, as tirinhas eram publicadas no jornal Folha da Manhã, precursora da Folha de São Paulo. Com o sucesso das personagens, em 1970 surge o gibi da Mônica e sua Turma, passando a se chamar Mônica ao longo do tempo; em 1973, Cebolinha; em 1982, Cascão e Chico Bento; em 1989, Magali. Neste ínterim, foram publicados diversos almanaques; coleções de um só tema; personagens futebolísticos com publicações próprias; revistinha Turma da Mônica e suas correspondentes em espanhol e inglês; Turma da Mônica Jovem; *Graphic Novels* em parceria

³ Em 1966 é criada na USP a Escola de Comunicações Culturais, quando se passa a admitir a importância da cultura de massa no Brasil. Nesse mesmo ano, o filósofo e linguista Umberto Eco vem ao país ministrar um curso sobre este tema, o que resulta na legitimação das HQs.

com desenhistas e roteiristas da nova geração; Saiba Mais, que é uma cartilha educativa que traz temas de relevância social; Clássicos do Cinema; dentre outros projetos de Maurício de Sousa Produções.

De 1970 a 1986 as revistinhas foram publicadas pela extinta Editora Abril, a partir de 1986 pela Editora Globo e em 2007 pela Editora Panini, sendo assim até hoje. Além das principais, figuram dezenas de outras personagens nas páginas dos gibis, cativando um público fiel e diversificado.

3 O politicamente incorreto

Nestes mais de 50 anos de história, as narrativas da TM passaram por diversas fases, mudando à medida que o mundo se transformava. Os novos leitores encontram nos gibis da TM um conjunto de boas práticas e conteúdo progressista, seja na criação de novas personagens ou nas atitudes delas. No entanto nem sempre foi esse o objetivo dessas HQs, pois nos primórdios elas compromissavam-se com o humor de fruição, cujo objetivo era o entretenimento, sem engajamento com o politicamente correto. Essa característica acompanhou a TM dos anos 70 a meados dos anos 90.

Cabe salientar que a premissa deste trabalho não é julgar, já que nos anos mencionados não havia as mesmas preocupações que há na contemporaneidade com os temas que serão relatados. Como toda mídia de massa, essas HQs simplesmente eram o retrato cultural de sua época, pois (PÊCHEUX [1983] 2014, 76, grifos do autor) “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”, ou seja, estavam de acordo com a exterioridade que afiançava o que era dito naquela formação sociocultural. De acordo com Ramos, no que concerne às relações entre a ideologia e a cultura, reflete-se que esta não é estática, tampouco cristalizada:

Temos, assim, a ideologia determinando os sentidos de uma cultura, que fornece a seus membros a ilusão de unidade, de pertencimento através de suas práticas e rituais a serem assimilados e reproduzidos. *Assim sendo, é uma ilusão crer na manutenção eterna dos mesmos princípios e costumes.* A cultura, assim como a língua, comporta o lugar do equívoco e, por isso, algo sempre pode falhar e produzir outros sentidos. (RAMOS, 2017, p. 41, grifos nossos).

A seguir, há uma compilação de HQs, e/ou fragmentos, que apresentam diversos discursos a respeito de temas que na atualidade são controversos e malvistas.

Temas como o assédio e a objetificação do corpo feminino não eram repudiados nas décadas anteriores, inclusive fazendo parte de piadas, disponíveis nas televisões brasileiras a qualquer hora do dia. O que nos dias atuais causaria repulsa e “cancelamento” era corriqueiro nas mídias daqueles tempos.

O exemplo, aqui apresentado, mostra que o corpo objetificado é o de uma criança, sendo visto dessa maneira por outras crianças, e ao mesmo tempo, refletindo uma ideologia que era aceita naturalmente, sem causar estranheza aos sujeitos leitores das décadas anteriores, conforme figura 01. Isto é, ao analisar o discurso imagético e verbal, percebe-se na formação discursiva uma ideologia com conotação sexual infligida por um machismo trivial que era socialmente aceito e dificilmente questionado, já que o discurso presente na HQ se encaixava em uma FD “cômica” e aceitável, sendo permitido pelas condições de produção da época. Assim, as FDs

[...] determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. Diremos,

então, que toda formação discursiva deriva de *condições de produção* específicas, identificáveis a partir do que acabamos de designar. (PÊCHEUX e FUCHS, [1983] 2014, p.164, grifos do autor).

Figura 01 – Fragmento da HQ Mexeu, tem briga



Fonte: Mônica 195 (1986 Ed. Abril)

Ainda na mesma linha, referindo-se aos corpos femininos expostos, a nudez da mulher era algo comum nas HQs da TM de outrora, sendo que algumas personagens eram apresentadas com os seios à mostra, como nas histórias do personagem indígena *Papa-Capim*, ou de lingerie em *Os Souza*, por exemplo.

Figura 02 – Fragmento da HQ Um almoço para um guará



Fonte: Chico Bento 47 (1984 Ed. Abril)

A violência e a banalização das armas, principalmente contra os animais, também eram comuns nas HQs do passado. Em diversas situações, Chico Bento, uma criança de sete anos, manejava a espingarda. Nos dias de hoje, não seria justificável esse comportamento, que por si só já é bastante assustador. Observa-se nas FDs trazidas no quadro um incentivo a uma ideologia de violência. Tampouco seria tolerado o ferimento de animais que estão em extinção, como o caso do lobo-guará, figura 02. Acredita-se que na época houvesse a intenção dos autores em fazer uma homenagem, uma espécie de releitura das histórias de lobos maus, porém em versão brasileira, utilizando um dos representantes da fauna local. Hoje, essa HQ seria rechaçada pelos dois motivos mencionados. Somente as condições de produção e a historicidade do período em que foi publicada a revista podem assegurar o assentimento dessas situações apresentadas. Isto enfatiza que na AD é impossível analisar o texto (linguístico e imagético) como algo fechado e deslocado no espaço e no tempo. O texto deve ser “referido a um conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, [1983], 2014, p. 78).

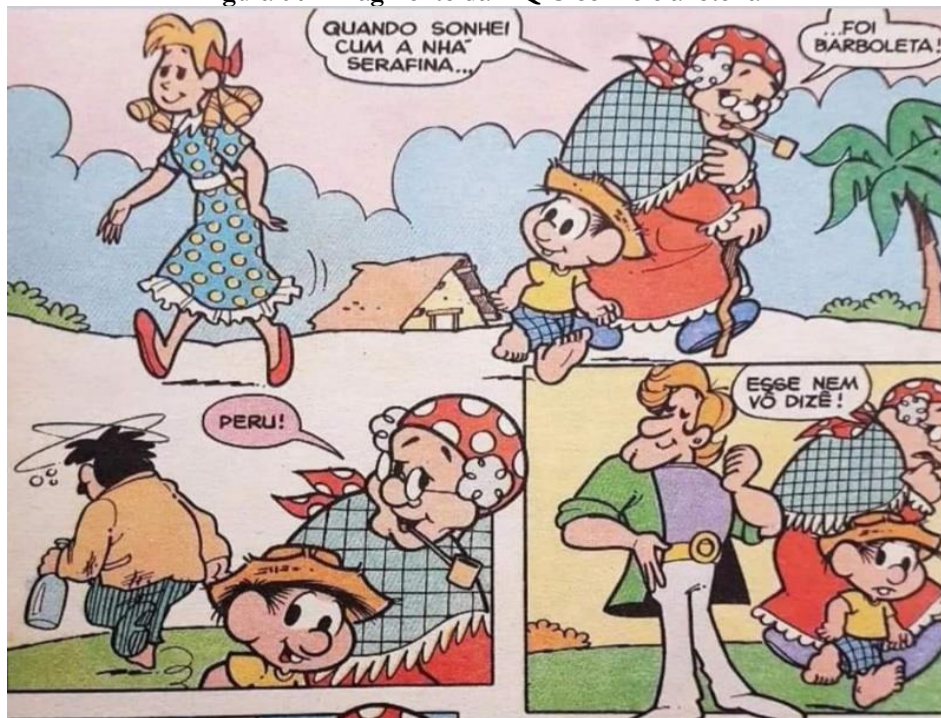
Figura 03 – Fragmento da HQ O exagerado



Fonte: Mônica 34 (1989 Ed. Globo)

Outro exemplo polêmico está na figura 03, que representa um dos vícios mais combatidos das últimas décadas, por meio de campanhas dos órgãos de saúde, censura publicitária e proibição em vários espaços públicos. Nos anos 70 e 80, a ideologia capitalista mostrava muitas propagandas de cigarros que associavam o vício a práticas esportivas, a classes sociais mais abastadas e também à virilidade. Nos dias atuais, essa HQ não seria republicada em uma revista infantil, ainda que fosse com o intuito de alertar sobre os perigos e moléstias que o fumo pode causar, pois ela não se adequa ao que deveria ser consumível pelas crianças e jovens. Esta HQ também é passível de críticas em outros sentidos, pois além do uso exagerado dos cigarros, há o descarte inadequado das sobras no solo e a poluição pela fumaça, mostrada pelas nuvenzinhas e pelo afastamento dos pássaros ao fundo.

Figura 04 – Fragmento da HQ O sonho e a loteria



Fonte: Chico Bento 18 (1987 Ed. Globo)

O uso comum de ofensas, seja por meio de metáforas visuais, seja por meio da verbalização era outro expediente comum que figurava nas HQs. Havia uma ideologia preconceituosa homofóbica em que os xingamentos e palavras depreciativas eram constantes e a prática normalizada, assim como o uso pejorativo e irrisório de descritores sobre homossexuais, ainda que subentendidos. Todavia a temática como tal ia ao encontro da época da publicação, em que o público LGBTQIA+ não era respeitado na mídia e sempre que aparecia era apresentado de forma jocosa e caricatural, conforme figura 04. Na atualidade, as mídias de massa estão engajadas para tentar desmistificar preconceitos e valorizar todas as diferenças mostrando uma visão de que as pessoas precisam ser respeitadas. A visibilidade e a orientação sexual dos sujeitos devem ser aceitas e sua dignidade assegurada. Todavia, ainda há muito o que avançar, mesmo que a sociedade já tenha evoluído consideravelmente em relação a estas questões.

Cabe ainda salientar que essa associação entre as personagens e os animais pertence a um pré-construído⁴ que faz com que o sujeito leitor lance mão de algo que está imerso, mas que emerge na construção do sentido. Neste processo “um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado ‘antes em outro lugar independentemente.’” (PÊCHEUX, 2014, 142). Ainda que a sequência discursiva apresentada no último quadrinho se mostre como uma “auto censura” por parte da personagem, esse silenciamento não só fala como grita e significa, pois (ORLANDI, 2007, p.90) “É no silêncio que as diferentes vozes do sujeito se entretecem em uníssono. Ele é o amálgama das posições heterogêneas.” Ele não cala, mas sim constitui-se em uma posição-sujeito em que ele (o sujeito) pensa (efeito de ilusão) ter o poder de recalcar ao dizer “Esse nem vô (sic) dizê (sic)”.

⁴ Enunciado simples proveniente de discursos outros anteriores, “como se esse elemento já se encontrasse sempre aí por efeito da interpelação ideológica” (Pêcheux, 1975). Essa formulação de um já dito assertado em outro lugar permite a incorporação de pré-construídos à FD, concebida como um domínio de saber fechado, fazendo-a relacionar-se com o seu exterior (Glossário de Termos do Discurso-edição ampliada, Pontes Editores, 2020, p.241).

4 O discurso progressista e o engajamento social

A virada do século constrói aos poucos uma nova ambiência. A importância de temas relevantes para o progresso da sociedade surge em diferentes materialidades discursivas de massa. Mídias tradicionais, como algumas músicas, programas de TV, comerciais e outros meios de comunicação passaram a ter restrições nos seus conteúdos. Propagandas de cigarros, por exemplo, foram proibidas, de bebidas alcóolicas relegadas à madrugada. As mídias, pelo fato de estarem muito próximas da sociedade, passam a ser encaradas através de um prisma pedagógico/educacional e foi premente que seus conteúdos passassem por um filtro. Nesse contexto, populariza-se também a internet, fazendo com que houvesse uma mudança no paradigma dos meios de comunicação. Nascia, assim, uma nova era, levando as mídias tradicionais a passarem por uma requalificação, reflexo da abertura trazida pelas novas tecnologias, em um novo contexto cultural e com diferentes atravessamentos de poder. Ainda que não se tenha como precisar de forma exata a origem de determinada condição de produção, pois faz parte de um processo contínuo e composto por diversas variáveis, é importante que haja uma reflexão sobre diferentes amostras dessas condições, a fim de que se compreenda como funciona a construção de sentidos e a aceitabilidade de determinados discursos em diferentes contingentes históricos.

[...] vê-se que é pois impossível definir uma origem das condições de produção, pois esta *origem*, a rigor *impensável*, *suporia uma recorrência infinita*. Por outro lado, é possível interrogar sobre as transformações das condições de produção a partir de um estado dado dessas condições. (PÉCHEUX, [1983] 2014, p. 87, grifos do autor).

Na sequência, há diversos quadrinhos de cunho progressista, que na contemporaneidade, estão sempre presentes nas páginas da TM.

Figura 05 – Fragmento da HQ O presente que fazia trocas



Fonte: Turma da Mônica 62 (2020 Ed. Panini)

Uma das temáticas mais importantes do novo milênio é a preservação do meio ambiente, por meio de encontros entre lideranças mundiais e a ONU, que resultam em ações de conscientização apresentadas em vários meios de comunicação. Desde 1972, esta é uma preocupação em nível mundial, no entanto hoje há um alerta maior, devido à visível degradação ecológica e climática que assola o planeta.

Acompanhando a conjuntura atual, a TM se engaja e apresenta em suas FDs, trazidas no discurso imagético e verbal, uma ideologia com conteúdo progressista que vai ao encontro da busca pela salvação do meio ambiente, por meio de HQs, cujo tema, além de divertir, conscientiza as novas gerações de leitores, como no caso da figura 05, em que há a detenção de um caçador, prática condenável no cenário atual. Também é perceptível no discurso do caçador a tentativa de safar-se por meio do arrependimento, fazendo alusão a figuras políticas da atualidade que se valem deste argumento em ocasiões de seus delitos, demonstrando uma ideologia em que a mentira tenta aparentar verdade, cinismo utilizado pelos políticos, assim como outros profissionais para amenizar publicamente o erro cometido. Segundo Dorow,

Direcionando essa mentira instituída, encontra-se a mídia, fiel apregoadora de falsos modelos de vida, de beleza e de valores, no afã de comercializar o que promove. A indústria, usando como recurso a propaganda, tem como objetivo primordial e único vender aquilo que produz, mas, de forma insidiosa e mentirosa, cria nos indivíduos expectativas e desejos fictícios para que consumam sem parar. Mesmo sem ter condições financeiras, as pessoas compram para acompanhar as tendências da moda, para ficarem mais belas, mais elegantes, mais magras, iguais às atrizes de novela, terem status, etc. Nesse sentido, a indústria cultural é um aparelho intencional e perverso de mentira, integrado a uma ideologia que traz em seu cerne o falseamento da realidade objetiva, com o propósito de gerar individualidades que sustentem o modelo de sociedade capitalista (DOROW, 2013, p.93).

Figura 06 – Fragmento da HQ Chug chug chug... piuííí



Fonte: Turma da Mônica 36 (2018 Ed. Panini)

De acordo com o mesmo tema, há uma nova remodelagem na personagem Cascão, que outrora era somente o menino que não gostava de tomar banho, brincava no lixão e fugia de nuvens

de chuva, mas não de nuvens de poluição, mostrando FDs cuja ideologia não incentivava as crianças a terem hábitos de higiene saudáveis e nem a terem cuidados com o planeta. O Cascão da nova ambiência, embora ainda não se banhe, cada vez mais se mostra comprometido com as causas ambientais, conforme figura 06, em que ele reciclará o lixo, transformando-o em brinquedos. Esta HQ vai além da causa ambiental, pois também instiga a criatividade de quem lê, uma vez que mostra que com poucos materiais podem ser criados objetos diversificados.

A personagem Cascão dos anos oitenta identificava-se com a forma-sujeito pertencente a uma FD radical no que se refere a levar a cabo práticas não exemplares de higiene. No entanto, o Cascão da contemporaneidade contra identifica-se com forma-sujeito de outrora, assumindo uma posição-sujeito menos drástica, que vai ao encontro das políticas de sustentabilidade e bem-estar. Nesta situação de contra identificação, a FD

passa a ser formada de fronteiras suficientemente porosas, que permitem que saberes provenientes de outro lugar, de outra FD nela penetrem, aí introduzindo o diferente e/ou divergente” o que traz como consequência que “este domínio de saber se torne heterogêneo em relação a ele mesmo. (INDURSKY, 2008, apud MITTMANN, 2012, p.241).

Figura 07 – Fragmento da HQ Até o último menino



Fonte: Turma da Mônica 62 (2020 Ed. Panini)

Outra HQ que traz tema semelhante é a apresentada na figura 07. Nesta, a vizinha da turminha usa um experimento para o reaproveitamento da água da chuva para regar as flores. Por meio da música, evidenciada na metáfora visual das notas musicais, e do tom de voz alto, negrito e fonte maior, enfatiza-se a importância de se economizar água.

Como se pode perceber, o cenário mundial mudou, e é premente que haja uma conscientização significativa, que comece desde cedo envolvendo as novas gerações, através de enunciados verbais e imagéticos que lhes sejam acessíveis e que, junto à diversão de uma prazerosa leitura, tenham contato com temas importantes e boas práticas cidadãs.

Um assunto bastante pertinente e presente nas novas histórias da TM, indo ao encontro do progresso e da cidadania, é o surgimento de novos personagens, com deficiências, déficits e transtornos, já que a questão da inclusão é uma realidade e deve ser respeitada, com acessibilidade e qualidade de vida para todos. Desde 1999, a educação especial é definida como uma categoria transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, por meio do Decreto no 3.298 que determina a Política Nacional para a integração da pessoa com deficiência. Contudo esse bloco receberá um estudo à parte em uma próxima produção, por tratar-se de um tema bastante caro à educação e relevante para o desenvolvimento social de todos os cidadãos.

Para tentar concluir

Conforme esboçado, a cultura de massa, por meio dos discursos nas mídias contemporâneas, cumpre o papel de assujeitamento, sendo concernente ao mecanismo de filiação ideológica, inerente a esse processo, já que na AD “não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2007, p. 96).

Também se faz notório que os discursos se relacionam intimamente com o paradigma ao qual pertencem, que são as condições de produção, que os situam num tempo e num espaço determinados, seja de forma macro ou micro contextual, constitutivamente. (PÊCHEUX; HAROCHE; HANRY, [1971] 2007, p.26, grifos dos autores) “*Com efeito*, o laço que une as ‘significações’ de um texto às suas condições sócio-históricas não é meramente secundário, mas constitutivo das próprias significações.”

As HQs, assim como outras tecnologias comunicacionais, são o reflexo de uma época, o que se pode comprovar a partir dos recortes analisados. Muitos discursos cabíveis às condições de produção dos anos 70, 80 e 90 carregam uma significação bem diferente se trazidos para a contemporaneidade, inclusive quando compilações de clássicos são publicadas, há notas de rodapé esclarecendo que determinado discurso e/ou comportamento eram comuns no momento da publicação original. E o movimento inverso também causaria estranheza (caso fosse possível transportar materialidades atuais para o passado). Talvez um conteúdo mais engajado com o social e menos com o humor não vendesse tanto nas décadas passadas como vende hoje.

As ideologias contemporâneas trazem um conteúdo conscientizador, pertencente às ideias da atualidade, servindo como um aporte pedagógico e viabilizando um espaço de reflexão importante para crianças, jovens e adultos, por meio das temáticas apresentadas: preservação da natureza, inclusão, respeito à diversidade, entre outros, contribuindo com a consciência cidadã e com o desenvolvimento profícuo da sociedade. Novos tempos, novos espaços e novas formas de ver o mundo que mostram uma sociedade diferenciada, mas, apesar disso, não deixam de trazer FDs que indicam as ideologias que constituem e formatam os sujeitos.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado** (1983)/ Louis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro; introdução crítica de J.A. Guilhon Albuquerque. – 14. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

DOROW FREIRE, Clóris. **Mentira ou verdade? Marcas prosódicas assinalando sentidos no discurso do tribunal do júri**. 2013. 222 f. Tese (Doutorado em Letras na área da Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2013.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

GREGOLIN, Maria do Rosário.R. **Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas**. In: **Discurso, semiologia e história**/Carlos Piovezani, Luzmara Curcino, Vanice Sargentini, organizadores. - São Carlos: Claraluz, 2011. cap 3, p. 83-106.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org). **Glossário de termos do discurso** – edição ampliada/organizadora: Maria Cristina Leandro-Ferreira; prefácio de Bethânia Mariani. – 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

MARX, Karls; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista** / Karl Marx, Friedrich Engels / tradução, prefácio e notas Edmilson Costa / apresentação Annibal Fernandes – 3. ed. – São Paulo: EDIPRO, 2015.

MITTMANN, Solange. O conservadorismo em comentários na rede: identidade, alteridade e contradição. *In* **O acontecimento do discurso no Brasil**, Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

MUNDO CULTURA. **Site Mundo Cultura**, 2022. Disponível em: <https://mundocultura.com.br/turma-da-monica/> Acesso em: 30 jun. 2022.

OLIVEIRA, Janaína Quintana de. **Sequência Didática para o trabalho com Histórias em Quadrinhos nas aulas de Língua Portuguesa com alunos TDAH: vantagens e benefícios**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas de silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Caterine. A análise do discurso: três épocas (1983). *In*: GADET, Françoise. & HAK, Tony.(org.); tradução Bethania S. Mariani...[et al.] – 5. ed. - **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel. A propósito de uma análise do discurso (1983). *In*: GADET, Françoise. & HAK, Tony.(org.); tradução Bethania S. Mariani...[et al.] – 5. ed. - **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel; HAROCHE, Claudine.; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Em: BARONAS, R. **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção – conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**/Paulo Ramos – 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

RAMOS, Thaís Vallim. **O sujeito entre culturas: o espaço da diferença no encontro com o outro/Outro**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SOUSA, Mauricio. **Turma da Mônica**. Revistas em quadrinhos lançadas no Brasil nas décadas de 1970, 1980. São Paulo: Ed Abril.

SOUSA, Mauricio. **Turma da Mônica**. Revistas em quadrinhos lançadas no Brasil nas décadas de 1980, 1990, 2000. São Paulo: Ed Globo.

SOUSA, Mauricio. **Turma da Mônica**. Revistas em quadrinhos lançadas no Brasil nas décadas de 2000, 2010, 2020. São Paulo: Ed Panini.

SUPER INTERESSANTE. **Site do Super Interessante**, 2022. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-inspirou-os-personagens-da-turma-da-monica/> Acesso em: 30 jun. 2022.

UNIVERSO HQ. **Site do Universo HQ**, 2022. Disponível em: <https://universohq.com/materias/turma-da-monica-as-colecoes-que-marcaram-epoca/> Acesso em: 30 jun. 2022.

Submetido em 27/03/2023

Aceito em 07/07/2023